

## QUILOMBO MATA CAVALO: “A educação quilombola”

SILVÂNIO PAULO DE BARCELOS<sup>1</sup>

“Analise os termos que deixaram pra gente  
Entre pardo e mulato qual o mais indecente?  
Qual o menos prejudicial?  
Ter a identidade de mula ou de pardal  
Mas pêra aê, veja que pirraça  
Pardal não é aquele passarinho que não tem raça?  
Que perambula pelas praças, dizem sem valor  
Pássaro sem vocação pra cantor  
Vira-lata, a mula é um animal  
Mão de obra barata, estéril, irracional  
Só serve para o trabalho mas não para produzir  
E aí cumpade, tu se encaixa mesmo aqui?  
Nem parda, nem mulata eu me defino politicamente  
Sou negra, ou se quiser afro-descendente  
Cuidado, que eu tô em pele de cordeiro  
Do tipo que da coice, afro-brasileiro”

**Quadro Negro**

Autoria: Jorge Hilton

Artifício vigoroso de engenharia social e política, o racismo foi utilizado de forma a legitimar a exploração de continentes inteiros, espoliando vidas e destinos ao deslocar uma imensa massa humana através do Atlântico com o objetivo único de movimentar as engrenagens do sistema capitalista ávido por poder e fortuna. Ao utilizar-se do terror racial como “mero fato da vida”<sup>2</sup>, tornava-se necessário construir uma imagem capaz de desumanizar o colonizado de tal forma que sua exploração fosse compreendida pela memória coletiva como uma necessidade e, também, benefício segundo o discurso eurocêntrico civilizador.

<sup>1</sup> Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso. Orientador: Prof. Dr. João Carlos Barrozo. Bolsista CAPES/FAPEMAT.

<sup>2</sup> Conceito extraído de parte do documentário veiculado pela BBC em 2006, intitulado RACISMO, A HISTÓRIA, cujo trecho segue na íntegra: “Para as pessoas nos EUA, no século XVII e XVIII, a raça era um fato da vida, e creio que o racismo é algo que surge como interação necessária. Não se trata de pessoas criando racismo no laboratório ou no escritório para depois sair ao mundo para aplicá-lo. De certo modo os brancos, os negros e os índios estabeleceram suas idéias de raça, em proximidade uns com os outros, através do contato.”

2

Não pretendemos abordar neste artigo os conceitos de raça e racismo, mas sim apontar as especificidades de um ensino diferenciado em escolas localizadas em áreas quilombolas a partir de nossa experiência de campo em função da tese de doutorado, ora em andamento junto ao Programa de Pós-graduação em História, da Universidade Federal de Mato Grosso. De acordo com nossas pesquisas, existe um esforço empreendido no ambiente escolar destas comunidades visando o despertar de consciência para uma realidade específica do mundo em que vivem. Apesar de todos os avanços conquistados pelos movimentos negros, no âmbito do social, da política e da cultura, o racismo ainda constitui a realidade com a qual os homens e mulheres do quilombo experimentam o seu viver. Para as vicissitudes do cotidiano de lutas pela afirmação do ser-no-mundo, a questão quilombola constitui-se em possibilidades reais de superação desse problema, ao mesmo tempo em que produz uma visão de mundo apoiada pelos ideais da negritude e da tradição afro-referenciada. Foi a partir do entendimento desta realidade específica que se criaram, nas escolas com as quais mantemos contatos, disciplinas específicas voltadas para os interesses e anseios destas comunidades, passando a integrar o currículo escolar. Essas disciplinas compõem um conjunto de práticas que poderíamos definir como “educação quilombola”.

Por tratar-se de uma nova perspectiva na dinâmica de nossas pesquisas para a tese de doutoramento, apontaremos a seguir parte de nossas observações e caminhos a serem percorridos no interior do quilombo em busca da compreensão do problema aqui discutido. Para tanto, importa referir as profundas transformações percebidas na historiografia contemporânea que trata da questão da escravidão, que a nosso ver relaciona-se diretamente ao esforço para valorização da cultura negra como um todo, no interior das comunidades quilombolas por nós visitadas.

**Quebra de paradigmas: nova visão do afro-americano na historiografia brasileira**

Trabalhos inovadores buscam aproximar essa imensa parcela dos povos afro-americanos, que compõem nossa sociedade, de sua própria humanidade, enquanto atores consciente de sua história, ao revisitar o instigante e sempre atual tema da escravidão racial da era moderna, sem dúvida, gênese dos problemas enfrentados pelas comunidades negras, em pleno século XXI. Trata-se de esforço histórico, visando a quebra de importantes paradigmas, necessário à consciência e pensamento ocidentais, particularmente do Brasil, um local onde a interação entre povos indígenas, africanos e europeus se verificou de forma intensa.

Nas últimas décadas do século XX, especialmente após o ano de 1988 no Brasil, uma nova tendência historiográfica<sup>3</sup> surge em função de intensos debates acadêmicos, em resposta às demandas urgentes dos movimentos negros e das ações de intelectuais dentro e fora das academias, mudando significativamente a forma de se pensar o africano na diáspora negra. Trata-se do início de um importante resgate da história daqueles que se viram obrigados a construir suas vidas em terras estrangeiras na degradante condição de cativos. Obviamente, elencar todos os trabalhos que representam essa mudança na forma de se pensar o africano na diáspora extrapolaria os limites deste artigo, além de afastar-se do seu objetivo central. Somente para citar alguns exemplos desta inovação na produção de trabalhos históricos, destacamos a seguir algumas questões levantadas por Mary Del Priore<sup>4</sup>, Eduardo França Paiva, João José Reis e Eduardo Silva acerca desta importante temática.

Priore, no prefácio à primeira edição de “Escravidão e Universo Cultural na Colônia: Minas Gerais, 1716-1789” de Eduardo França Paiva, publicada pela Editora UFMG em 2001, utiliza-se com muita propriedade da metáfora do “buraco negro” para descrever o vazio na história da humanidade em função da escravidão racial da era moderna, uma questão ainda não resolvida. Segundo ela, no bojo das transformações provocadas pelas comemorações em

---

<sup>3</sup> Entre os representantes dessa nova tendência historiográfica destaca-se: Eduardo França Paiva (Bateias, carumbés, tabuleiros: mineração africana e mestiçagens no novo mundo); Luíza Rios Ricci Volpato (Cativos do sertão: vida cotidiana e escravidão em Cuiabá: 1850/1888); Robert Slenes (Família escrava e trabalho); Manolo Florentino (A paz das senzalas: Famílias escravas e tráfico atlântico, Rio de Janeiro: 1790/1850); Eduardo Silva/João José Reis (Negociação e conflito: A resistência negra no Brasil escravista) e Mary Del Priore entre outros.

<sup>4</sup> Um trabalho recente desta importante historiadora foi publicado sob o sugestivo título de “Ancestrais” no qual se busca a imagem do africano enquanto colonizador participando ativamente no comércio transatlântico.

4

torno do Centenário da Abolição, trabalhos inéditos caminham no sentido de resgatar nossa dívida histórica aos africanos que ajudaram a construir a imensa nação brasileira. A idéia do africano escravizado desprovido de qualquer conhecimento e de capacidade intelectual, totalmente impregnado por credices e costumes degenerados, foi cultivada com muito esmero na memória coletiva do Brasil Colônia e seus efeitos ainda se fazem presentes nos dias atuais. Conforme Paiva esta “é uma marca facilmente identificável em práticas e representações culturais corriqueiras e, até mesmo, nos mais recentes programas curriculares de História, desde o ensino fundamental até os cursos de graduação universitária e de pós-graduação” (PAIVA: 2001, 218). Em movimento inovador, alguns setores da historiografia brasileira contemporânea, que trabalham com a questão da escravidão, privilegiam não mais os dualismos de natureza reducionista, antagonismos que opunham à África bárbara a “civilização” da Europa iluminista, mas sim, os esforços no resgate do cotidiano de homens e mulheres que, vivendo no limite entre cativeiro e liberdade construíram imaginativamente seus modos de vidas.

Longe de se constituírem, ou de se perceberem, como peças do complexo sistema da escravidão, os homens e mulheres no cativeiro criaram, na medida do possível, suas formas próprias de vidas. Situando-se numa posição intermediária entre a anomia completa e a agressividade, que se pretendia naturalizada, os escravos souberam negociar, com engenhosidade, os seus espaços de relativa liberdade no interior de um sistema nefasto de dominação. Na convergência dos interesses, a negociação se processava ora de forma violenta, ora nos moldes dos ajustes e acertos, pois à luz do pensamento racional, o sistema representado pela escravidão racial da era moderna nada mais era que um jogo de interesses, onde a economia de mercado marcava o compasso e o ritmo de sua própria dinâmica interna. Pois, “se os barões cedem e concedem, é para melhor controlar. Onde os escravos pedem e aceitam, é para melhor viver, algo mais que o mero sobreviver” (SILVA/REIS: 1989, 8). Desta forma, senhor e escravo convergia-se em empresa e mercadoria concomitantemente, cujas ações obedeciam ao fluxo e refluxo do próprio mercado que os regulavam. No entanto, ao escravo que negociava sua própria forma de vida, a condição que o sistema a ele ofereceu, o “não-ser”, transmutou-se em “ser consciente de si” criando condições necessárias para seu auto-reconhecimento como ator e autor de sua história.

No difuso emaranhado das teias de relações sociais das sociedades contemporâneas, os segmentos negros lutam como seus antepassados o fizeram por seus lugares-comuns no interior de um mundo profundamente influenciado pela globalização capitalista e pelo pesado estigma do racismo. Entendemos que na convergência dos interesses fundamentais dos povos negros encontram-se os processos educativos como forma racional de expansão de uma nova consciência social, política e histórica. Desta forma o ambiente escolar possui como prerrogativa o espaço apropriado para a construção e difusão de saberes que permitem a construção de uma nova realidade.

## **A influência da escola e da educação no meio social**

Não constitui nenhuma novidade entender o poder de formação da mentalidade coletiva a partir do universo educacional, tendo como principal frente de atuação o cotidiano escolar, como apontou Paiva, na obra já citada acima, acerca da construção da imagem depreciativa do negro no interior dos currículos escolares e, também, em diversas expressões culturais. Neste espaço privilegiado de formação integral do ser, o livro didático assume, em determinado contexto, o papel principal no processo ensino/aprendizagem, constituindo-se quase sempre na única fonte de consulta para alunos e professores. De acordo com Circe Bittencourt, doutora em educação pela Universidade de São Paulo, “o livro didático é um importante veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura.” (BITTENCOURT: 2010, 72). Desta forma, a autora desvela a fragilidade da práxis educacional no Brasil que, de acordo com o senso comum, reproduz um conjunto de saberes tido como verdade absoluta, conforme aponta várias pesquisas que demonstraram como “textos e ilustrações de obras didáticas transmitem estereótipos e valores dos grupos dominantes, generalizando temas, como família, criança, etnia, de acordo com os preceitos da sociedade branca burguesa”. (BITTENCOURT: id. Ibidem).

6

Utilizando-se de conceitos desenvolvidos na clássica obra “Pedagogia Histórico-Crítica” de Dermeval Saviani, publicada em 1991, Horn e Germinari destacam a importância da categoria “trabalho humano” como elemento central para se pensar o ensino de História, numa releitura dos pressupostos marxistas, enquanto processo de formação, desenvolvimento e transformação do próprio modo de produção da existência humana. Para eles, o trabalho é “atividade pela qual o homem domina as forças naturais, humaniza e natureza, se humaniza, autoproduzindo-se pela atividade criadora”. (HORN e GERMINARI: 2006, 10). Esses autores, apropriando-se de conceitos formulados por Thompson, em sua magistral obra “A miséria da teoria”, utilizam-se, também, da concepção de que o conhecimento histórico é produzido de forma social e que “o saber é cumulativo” (HORN e GERMINARI: 2006, 11). Essa é uma questão, a nosso ver, altamente relevante para o entendimento das formas com as quais são estruturados os currículos no interior das escolas que visitamos em nossa pesquisa junto aos quilombos, utilizando-se dos saberes populares produzidos no âmbito da tradição afro-americana.

Saviani defende, para a disciplina História, um estudo sistematizado dos conteúdos que se tornaram clássicos na historiografia ocidental contemporânea, o que proporciona a aproximação entre o conhecimento prévio do aluno e o patrimônio cultural da humanidade. Pois, “para a pedagogia histórico-crítica, educação é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente, pelo conjunto dos homens”. (SAVIANI: 1991) Esse notável teórico da educação postula em seus conceitos a necessidade da formação integral do aluno tendo como ponto de partida a cultura popular, os saberes do cotidiano que o envolve, e como ponto de chegada a cultura erudita que possibilita ao final do processo a consciência acerca do mundo em que se vive.

Como vimos acima, a escola constitui-se no espaço privilegiado de formação integral do ser visando sua inserção no mundo social, político e econômico como um todo, possuindo ao mesmo tempo todo um sistema de valores e ideologias gestadas a partir do meio social do qual faz parte. Todo o conjunto de conhecimentos, valores e ideologias inerentes à atividade escolar são assimilados, em processo contínuo, pela mentalidade coletiva do meio social

7

envolvente. No interior dos quilombos que temos visitado em nossa pesquisa de campo, essa questão fundamental entrou para o rol de suas necessidades urgentes, levando-os a edificarem suas escolas objetivando a transmissão de um saber específico, para além dos conteúdos formais do sistema educacional do País, como veremos a seguir.

## **A educação quilombola**

Segundo constatamos em nossas pesquisas junto a algumas comunidades quilombolas e, principalmente na comunidade de remanescentes do Quilombo Mata Cavalo, a questão da educação parece ter se constituído em prioridade em suas agendas sociais. Utilizando-se da escola como espaço privilegiado de lutas, os dirigentes destas escolas inseriram em seus currículos os saberes próprios da tradição negra afro-referenciada, aos quais denominam “educação quilombola”, numa interação contínua entre escola e o meio social envolvente, buscando-se como objetivo a auto-afirmação no interior de uma sociedade complexa da qual fazem parte.

No Mata Cavalo, existe uma aproximação dinâmica entre o saber escolar formal, da cultura erudita, e o saber das práticas cotidianas tanto no interior como fora da escola, priorizando-se no processo educacional a questão política da causa quilombola e, também, das estruturas mentais desveladas pela valorização da condição do ser-negro no mundo a partir de práticas culturais e sociais. Ou seja, de um lado uma questão de ordem prática utilizando-se do conceito de identidade quilombola na luta pela propriedade de suas terras, e de outro as lutas subjetivas contra o preconceito e o racismo, valorizando o conceito de negritude, que possibilita a recriação de pequenas porções da África idealizada na memória e na tradição. Obviamente, a educação integral do aluno é considerada nas práticas educacionais nestas escolas, como percebemos em nossas pesquisas tanto no Mata Cavalo, como também no Quilombo Curiaú, localizado na cidade de Macapá – AP. Nestes locais existe uma preocupação com a formação do aluno visando de um lado sua inserção econômica no mundo do trabalho, e de outro a possibilidade sempre desejada e plausível de sua integração política, social e cultural no meio social onde vivem.

8

Eliseu da Silva, uma das lideranças do Quilombo Urbano Capão do Negro, situado no Bairro da Manga, em Várzea Grande - MT, em entrevista gravada no dia 07 de Dezembro de 2012, revela que sua comunidade luta, desde meados do século passado, para conseguir uma indenização por suas terras que foram desapropriadas em função da construção do Aeroporto Marechal Rondon em Várzea Grande – MT. Para esse militante da causa negra, a educação constitui-se no fator primordial para as lutas de emancipação de sua gente. Segundo ele:

*O grande enclave tá na educação. Tem escola no quilombo que tá mais de 20 anos sem jogar uma tinta na parede. Tem comunidade quilombola que sai 10 horas para chegar na escola a 1 hora da tarde e, pra voltar chega 8 horas da noite em casa. Como é que esse aluno vai estar com boas idéias, pra lutar numa faculdade de igual pra igual com pessoas que só ficam estudando, tem internet, facebook, computador?*

Ana Maria Arruda, professora da Escola Estadual Tereza Conceição de Arruda, pertencente à comunidade da Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Mata Cavalo de Baixo<sup>5</sup>, em entrevista gravada em 23 de Janeiro do corrente, fala, entre outras coisas, da importância que a escola representa para sua comunidade. A partir das questões apontadas por ela no ato da entrevista, pudemos levantar uma série de questões que, segundo nosso ponto de vista, indica novos caminhos para o entendimento da história em torno da luta pela propriedade das suas terras<sup>6</sup>. Pressionados pela condição extenuante de um conflito agrário que se arrasta por mais de um século e por desgastantes dissensões internas em relação à disputa pelas terras empreendidas pelas diversas associações que compõem o complexo da comunidade do Mata Cavalo, cada elemento que possibilita algum tipo de vantagem é defendido arduamente pelos membros do quilombo. Como percebemos nessa entrevista, a

<sup>5</sup> Esta Associação faz parte, junto com outras seis, do complexo compreendido pela comunidade de remanescentes do Quilombo Mata Cavalo, situado no Município de Livramento, em Mato Grosso.

<sup>6</sup> De acordo com as conclusões parciais no âmbito das pesquisas que originaram nossa dissertação de mestrado, defendida em Maio de 2011 (UFMT), existe um conflito de memória e de interesses entre vários segmentos que representam a comunidade do Mata Cavalo como um todo. Apesar da luta empreendida pelos representantes dessa comunidade contra os fazendeiros que se instalaram em suas terras, existe uma dissensão interna na disputa em questão. De um lado, várias famílias da comunidade da Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Mutuca, composta por descendentes dos escravos da Sesmaria Boa Vida (origem do próprio Quilombo Mata Cavalo), que permaneceram em suas terras em enfrentamento direto com os referidos fazendeiros defendendo, pelas vias da memória, a legitimidade de suas terras através de sua ocupação efetiva ao longo da história e de outro as famílias que foram expulsas e que retornaram às suas terras à partir da década de 1960 com objetivo de reaver suas antigas propriedades. Para essas, tornou-se essencial a construção de uma memória referendada pela tradição, de acordo com os pressupostos da questão quilombola oficializada pela Carta Magna de 1988, o que os colocaram em condição oposta aos interesses daqueles que permaneceram nas referidas terras.



9

questão da educação tem assumido crescente importância para essas pessoas, no que se refere à tomada de consciência social e política. Desta forma, o universo escolar e tudo que ele representa se tornou a pedra de toque para algumas dessas comunidades evidenciando novas formas de luta pela propriedade de suas terras, para além da questão epistemológica, fundamental em si mesma.

Para além da formação dos alunos objetivando suas inserções no mercado de trabalho, e dos benefícios que a escola proporciona à comunidade, principalmente considerando-se as áreas rurais distantes dos centros urbanos, como é o caso do Mata Cavalo, a educação diferenciada que é praticada em sua escola assume uma condição privilegiada na formação dos seus jovens. Daí a preocupação sempre presente na efetivação de aulas especiais extra-curriculares voltadas para a temática quilombola, como é o caso citado pela professora Ana Maria Arruda na referida entrevista. Segundo ela, passou a fazer parte da escola:

*Três matérias do currículo diferenciado né? Que nas escolas normais não tem: Prática da Cultura de Arte Quilombola (com os trabalhos do quilombo né?), tem a Prática Agrícola Quilombola (trabalha com horta, com verdura, essas coisas né?), e tem Prática de Tecnologia Social. São essas três matérias aí na grade curricular.*

A Prática Agrícola Quilombola, uma das disciplinas extra-curriculares da escola no Mata Cavalo, surgiu, como ficamos sabendo, à partir do trabalho de cooperação entre órgãos do governo encarregados de implementar políticas de produção agrícola em comunidades tradicionais, incentivando a produção de artigos que fazem parte do ecossistema da região onde está inserida. O que nos chama a atenção são exatamente as disciplinas Prática da Cultura de Arte Quilombola e a Prática de Tecnologia Social. Esta voltada para a consciência política dos grupos étnicos no interior da sociedade envolvente, através das conquistas de direitos sociais conseguidas no âmbito dos movimentos negros como um todo e, aquela representando um esforço para a manutenção das manifestações culturais, buscando-se ludicamente a valorização do ser-negro no mundo através da manutenção da tradição afro-brasileira.

10

Em 28 de Fevereiro deste, em visita à comunidade de remanescentes do Quilombo Curiaú, localizada na cidade de Macapá – AP, tivemos a oportunidade de entrevistar Rosa da Costa Ramos, diretora da Escola Estadual José Bonifácio que faz parte do referido quilombo, onde constatamos, também, a existência de uma educação diferenciada, que segundo ela enriquece o currículo escolar através dos pressupostos da questão quilombola. Livre dos conflitos pela propriedade de suas terras<sup>7</sup>, como é o caso do Mata Cavallo, a educação quilombola, como temos referido ao longo deste trabalho, assume vital importância para valorização da cultura negra nesta comunidade. Esse tipo de educação responde a duas questões de ordem prática, de um lado a consciência do ser-no-mundo, a partir do conceito de negritude, e de outro a construção da imagem dos quilombolas visando à exploração do complexo turístico do balneário montado em suas terras, agora transformadas em Área de Preservação Ambiental (APA). Como vimos em nossa visita, existe uma estrutura turística bem estabelecida na área do quilombo, que recebe visitantes vindos principalmente da área urbana da cidade de Macapá, tornando-se a principal fonte de renda de boa parte das famílias do complexo. Obviamente, a questão econômica responde às suas necessidades materiais cotidianas, no entanto, de acordo com nossa experiência junto ao Mata Cavallo, não se pode desprezar o fator subjetivo do esforço pela recuperação de tradições calcadas na memória e na experiência escravas. Essa questão é fundamental para o que chamamos de ideal da negritude, pressuposto que permite aos africanos na diáspora experienciar um modo de vida próprio na consolidação do ser e do estar-se no mundo.

Ainda na escola do Quilombo Curiaú, entrevistamos a professora Vanda dos Santos. Este contato foi bastante significativo na medida em que possibilitou corroborar nossa hipótese da importância da educação diferenciada para as comunidades quilombolas. Trabalhando com alunos de todos os níveis do Ensino Fundamental, a professora Vanda utiliza-se da arte do conto de histórias da literatura como método para o incentivo à leitura em geral. O objetivo principal de sua disciplina é apresentar ao aluno o universo simbólico, material e social da cultura africana como um todo, realizando neste processo uma espécie de resgate da memória

---

<sup>7</sup> A comunidade de remanescentes do Quilombo Curiaú, em Macapá, formou-se a partir da aglutinação de diversos grupamentos compostos por escravos que fugiam das fazendas de seus senhores e se instalavam em regiões próximas à atual cidade de Macapá, com a família de um casal de africanos e seus sete escravos. Após a declaração de independência dos escravos, em 1888, esses homens, mulheres e crianças se reuniram naquela região formando o futuro quilombo onde vivem, na atualidade, seus descendentes.

11

dos antepassados africanos que vieram para o Brasil no período da Escravidão. Utilizando-se dos aspectos lúdicos inerentes à própria dinâmica de suas aulas, as histórias são repassadas tanto pela cultura letrada em forma de livros e outros suportes materiais, bem como pela cultura oral da tradição negra numa interação entre alunos e membros da comunidade quilombola, evidenciando uma aproximação fecunda entre escola e seu entorno.

São bastante significativas as práticas pedagógicas da professora Vanda dos Santos, tanto pelo aspecto do lúdico como pelo esforço da valorização da cultura africana, conforme seus relatos de experiências em sala de aula. De acordo com ela as histórias da literatura européia, em sua grande maioria, terminam sempre com um final feliz, revelando a preocupação de um mundo perfeito constituído no campo das idéias, já as histórias africanas são diferentes, pois:

*Deixam em aberto, na maioria das vezes. Fica em suspenso, o que será que está acontecendo até hoje? Então não fica uma coisa fechada. A gente vai trabalhando com eles essa percepção de diferenças. A princesa da história européia é uma princesa meiga, doce e delicada. A princesa da história africana é forte, é decidida, é guerreira.*

De acordo com essa educadora os resultados são visíveis na integração dos alunos com sua disciplina, por tratar-se de aspectos vividos em seus cotidianos. Ainda segundo ela, contos da literatura universal, principalmente européia, também são utilizados em sala de aula. Porém, o divisor de águas consiste na recuperação, e de certo modo construção, da tradição negra representada pela cultura dos afro-brasileiros no interior do próprio quilombo onde vivem, num processo contínuo de constituição de uma memória singular e seu apelo intenso à valorização dos ideais da negritude e do ser-no-mundo. Considero essa questão importante para a compreensão do movimento que se percebe de forma generalizada entre representantes de diversas comunidades negras, com as quais temos realizado nossas pesquisas. Nesse movimento de valorização da cultura negra, a escola assume um papel fundamental na própria dinâmica de suas lutas políticas, sociais e culturais, constituindo-se em local privilegiado tanto na constituição desses valores, como na sua disseminação.

12

Na entrevista com a professora Ana Maria Arruda, citada acima, percebemos, sem o menor esforço, o diferencial que a escola representa para essa comunidade, em todos os sentidos, mas principalmente na questão mais sensível à comunidade, que é a tomada de consciência política e social. Respondendo à questão que formulamos no sentido de que se houve alguma mudança significativa para os estudantes de sua escola, ela disse que:

*Muito em todos os sentidos. Em termos sociais, é mais na educação assim. Em termos do quilombo em si mesmo mudou. Entendeu? Essa escola acho que foi uma esperança né? Esperança para ver se resolve essa situação das terras, porque antigamente, lembra? Tinha só uma casa de palha. Depois dessa escola parece que as coisas clarearam para nós. Os alunos mesmo, demonstram mais interesse, até o desenvolvimento do ano letivo mudou para os alunos. Antigamente tinha aluno que tinha vergonha de falar. Até pessoas daqui que moravam em Livramento tinham vergonha de dizer que eram do Mata Cavalo. Agora não, todo mundo diz eu moro no Mata Cavalo, eu estudo na Escola Tereza Conceição de Arruda, entendeu? Eles mesmo já falam. Antigamente a discriminação era muita, aí tinham vergonha de falar porque sabiam que seriam “taxados” ah invasores de terra. Agora não, eles tem orgulho de dizer “eu estudo na Escola Tereza Conceição de Arruda”. Melhorou muito a auto estima deles em tudo. Eles nem se interessavam por uniformes, agora ficam dizendo tem que ter uniforme. Eles estão mais interessados, melhorou a evasão. Temos bastante alunos.*

Certamente as mudanças descritas pela professora Ana Maria Arruda significam uma mudança radical na forma como os alunos, e por extensão toda a comunidade no interior e fora da escola, experimentam um modo de vida potencializado pela consciência política e histórica, possibilitando uma nova visão de mundo. Essa importante questão reflete-se no cotidiano de homens e mulheres do quilombo, que se esforçam no sentido de manter acesa uma cultura afro-referenciada, o ser-no-mundo na condição de negro com plenos direitos à cidadania, ao menos em teoria.

### **Considerações finais**

Nossa experiência junto à comunidade de remanescentes do Quilombo Mata Cavalo remonta ao ano de 2007, na ocasião em que realizava pesquisas para a consecução do Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em História, também pela Universidade Federal de Mato Grosso. Com o término do curso e a admissão no programa de pós-graduação para realização do nosso mestrado, aprofundamos o escopo de nossa pesquisa no

13

sentido de compreensão da identidade quilombola e as formas com as quais os integrantes daquela comunidade se apropriaram desta questão institucional como uma nova forma de luta pela propriedade das terras que historicamente lhes pertencem. Por ocasião da defesa de nossa dissertação percebemos um conflito evidente de memórias no interior da comunidade, o que colocou em lados opostos algumas das associações que integram o complexo do Mata Cavalo, em disputas intestinas.

Em função do curso de doutoramento em história que estamos realizando nesta mesma universidade, utilizaremos a experiência no Mata Cavalo como estudo de caso em busca de respostas à uma importante questão para as comunidades quilombolas em nosso Estado, qual seja a estreita interação entre as práticas pedagógicas expressas em disciplinas extracurriculares que utilizam de aspectos da cultura e da tradição afro-brasileira e os processos de maturação de consciência social e política no interior destas comunidades, à partir de práticas que denominamos “educação quilombola”. Como dissemos acima, provavelmente essa nova práxis educativa resulta das lutas emancipadoras dos movimentos negros, bem como de uma nova postura na historiografia brasileira com relação à temática da escravidão racial da era moderna, colocando os africanos na diáspora não mais na condição de mero instrumento de produção capitalista, mas sim como atores conscientes de sua própria história. Essa nova configuração epistemológica na maneira de se pensar os afro-americanos possibilita o acesso a níveis de consciência mais elevados com relação à suas próprias condições sociais, políticas e econômicas no interior de uma sociedade marcada pela exclusão.

A escola quilombola, de acordo com nossas primeiras aproximações no âmbito das pesquisas de campo, constituiu-se no local privilegiado para a difusão da cultura e da tradição negras. Cientes desta condição fundamental, os dirigentes destas escolas esmeram-se pela implementação de disciplinas voltadas à questão quilombola e tudo que ela representa como potencial de transformações sociais e culturais que refletem de maneira fecunda no âmbito da consciência política tanto de alunos como da comunidade como um todo.

Assim, a nosso ver a “educação quilombola” possibilita, de maneira bastante racional e coerente, o trânsito de homens e mulheres do quilombo no único campo capaz de mudanças

14

tão profundas, qual seja o do pensamento e da mentalidade, locais privilegiados para o início de todas as transformações possíveis. Acreditamos que é exatamente nessa arena de lutas que a escola quilombola se situa ao trabalhar de um lado, com a realidade cotidiana, no campo do eventual e das necessidades prementes, e, de outro com a mudança estrutural das formas de pensamento em busca de transformações no comportamento e na consciência do ser-no-mundo, como já o referimos.

## BIBLIOGRAFIA:

BARCELOS, Silvânio Paulo de. **Quilombo Mata Cavalo: Terra, conflito e os caminhos da identidade negra.** – Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso: 2011.

BITTENCOURT, Circe. (Org.) **O saber histórico na sala de aula.** 11ª Ed., - São Paulo: Contexto, 2010.

HORN, Geraldo Balduino & GERMINARI, Geysa Dongley. **O ensino de História e seu Currículo: teoria e método.** Petrópolis: Vozes, 2006.

PAIVA, Eduardo França. **Escravidão e universo cultural na colônia: Minas Gerais, 1716-1789.** – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. P. 218.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** São Paulo: Cortez, 1991.

SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.